

A voz da prudência

RAUL PILLA

DEMONSTRADO ficou, exceto para os que têm olhos e não querem ver, têm ouvidos e não querem ouvir, que a Emenda Parlamentarista de modo nenhum favorece a continuação do sr. Getúlio Vargas no poder, depois de esgotado o seu atual mandato. Concedamos, porém, que alguma dúvida ainda pudesse subsistir a tal respeito e que, por isto, ainda se justificasse certa prevenção quanto à reforma. Tal concedido (o que não é pouco ante a clareza dos textos) seria necessário atentar para a outra face da questão: as grandes perturbações e os graves perigos que, entre nós, traz consigo a eleição direta do presidente da República, no atual regime. Quase tôdas as campanhas presidenciais ameaçaram a paz interna e puseram em risco as próprias instituições democráticas. Terão esquecido os que se atemorizam, ou fingem atemorizar-se ante a reforma parlamentarista, terão esquecido ter sido uma campanha presidencial, que, aliás, se estava desenvolvendo normalmente, o que criou o ambiente e forneceu o pretexto ao mesmo sr. Getúlio Vargas que vai presidir à atual campanha, para instaurar a ditadura em novembro de 1937? Neste caso, não temem o chefe da Nação, que teria pelo menos o interesse de passar o exercício do govêrno a um sucessor da sua confiança; e o temerão depois de removida a árdua disputa pelo poder pessoal e posta a questão em termos inteiramente diferentes? Ou não raciocinam bem os temerosos, ou não são sinceros nos seus temores...

Não há evidentemente sinceridade em semelhantes temores. O medo é, por natureza, cauteloso. E haveria de aceitar o conselho da prudência, a qual falou ontem, pela bôca do sublíder da U. D. N., sr. Luís Garcia, na entrevista concedida a um vespertino. Se a reforma parlamentarista traz realmente consigo algum perigo, sempre haverá tempo para a enterrar, numa das oito votações por que terá de passar na Câmara e no Senado. Dadas as perspectivas da campanha sucessória, na qual a compressão, a corrupção e a agitação popular poderão alcançar uma intensidade jamais vista, simplesmente desassisado seria deitar fora, hoje, um recurso que, amanhã, poderia afigurar-se de salvação pública.